O Expurgo do Condado: Poder Panóptico e Cura Comunitária no "Panoptismo" de Foucault e em *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien[72]

Autor:
Garrett Van Curen
Montclair State University

Tradutores:
Gustavo Ruiz da Silva
Monash University/ University of Warwick

Pedro Almeida Meniconi
Universidade de São Paulo/ Université Paris X-Nanterre

***

A imagem da "prisão panóptica" de Jeremy Bentham, tornada célebre pelo influente capítulo de Michel Foucault sobre o "Panoptismo" em Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão, tem sido frequentemente aplicada às páginas de *O Senhor dos Anéis*[73]. O Panóptico é "uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto" (FOUCAULT, 1987, p. 225)[74]. Trata-se de um "dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder", de modo a estabelecer uma vigilância permanente e assegurar o "funcionamento automático do poder" (FOUCAULT, 1987, pp. 224-225)[75]. Em sua essência, o Panóptico é a prisão perfeita: uma torre central repousa no meio de uma vasta

[72] Texto originalmente publicado na *Mallorn: The Journal of the Tolkien Society*, Verão de 2020, No. 60, pp. 6-13 com o título: "Scouring the Shire: Panoptic Power and Community Healing in Foucault's 'Panopticism' and Tolkien's *The Lord of the Rings*". Editado pela Tolkien Society. A tradução conta com a autorização do então editor da Mallorn (Luke Shelton) e também do autor (Garret Van Curen).

[73] Ver Jes Battis, "Gazing Upon Sauron: Hobbits, Elves, And The Queering Of The Postcolonial Optic"; H. F. Ramos, "Sauron's panopticon: Power and surveillance in J. R. R. Tolkien's Lord of the Rings"; e Cherylynn Silva, "One Ring to Rule Them All: Power and Surveillance in the Film Adaptation of The Lord of the Rings", além das fontes citadas neste ensaio que tratam do poder panóptico em Tolkien.

[74] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citação feita por Van Curen em inglês: "a machine for dissociating the see/being seen dyad: in the peripheric ring, one is totally seen, without ever seeing; in the central tower, one sees everything without ever being seen" (FOUCAULT, 1995, p. 203).

[75] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citações feitas por Van Curen em inglês: "mechanism that automatizes and disindividualizes power"; "automatic functioning of power" (FOUCAULT, 1995, p. 203).

sala circular, de onde se observam as numerosas celas dos prisioneiros. Os prisioneiros estão sempre visíveis, mas não podem ver o interior da torre central. Com o tempo, passam a supor que estão sendo vigiados a todo momento e, por isso, começam a monitorar a si mesmos. No Panóptico, o guarda situado na torre central não precisa exercer controle físico nem aplicar punições — se é que ele está ali —, pois o sistema passa a funcionar por si só. Os prisioneiros nunca sabem se estão sendo observados, nem quando; por isso, acabam presumindo que estão sempre sob vigilância. Como insiste Foucault, "A visibilidade é uma armadilha" (FOUCAULT, 1987, pp. 224-225)[76].

Considere-se, então, o grande olho de Sauron como a perfeita encarnação do supervisor invisível imaginado por Bentham em sua concepção original: uma ameaça sempre iminente, uma presença invisível que se supõe estar de guarda, a qualquer momento, em uma torre centralizada no meio de uma prisão circular. Talvez o que faça de Sauron um inimigo tão grandioso, e ainda hoje um dos antagonistas mais sinistros da literatura inglesa, seja precisamente o fato de que os leitores nunca chegam a vê-lo: ele é sempre aludido, sempre temido e, no entanto, nunca está fisicamente presente. Como observam Jonathan Witt e Jay W. Richards (2014, p. 88, tradução nossa)[77], se Sauron "retomasse o anel que concede invisibilidade e poder ampliado, seu objetivo de supervisionar tudo enquanto permanecesse invisível estaria completo — o observador panóptico aperfeiçoado". Patrick Curry (2004, pp. 145-146, tradução nossa)[78] também assinala que, assim como o Panóptico tende à constituição de uma forma singular de poder governante, o desejo de Sauron é fundar "um império, governado por uma lógica de acordo com uma Vontade"; a natureza precisa desse poder importa apenas na medida em que permanece secundária em relação a "seu monismo, universalismo e homogeneidade pretendidos".

As formas de padronização institucional, como aponta Foucault, levam ao estabelecimento de normas e a formas poderosas de hegemonia. É por meio desse

[76] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citações feitas por Van Curen em inglês: "visibility is a trap" (FOUCAULT, 1995, p. 203).

[77] N.T.: Citação original: "to repossess the ring that grants invisibility and magnified power, his goal of overseeing all while remaining unseen would be complete – the panopticon observer perfected".

[78] N.T.: Citações originais: "one empire, ruled by one logic in accordance with one Will"; "its intended monism, universalism, and homogeneity".

processo que, como afirma Ji-Won Ohm (2014, p. 15, tradução nossa)[79], "o poder é exercido de modo mais econômico pela imposição da vigilância do que pelas custosas punições exemplares". A estrutura panóptica é aquela que tudo vê, tudo governa e, em última instância, tudo domina, uma vez que aqueles que se encontram no interior de seus limites não são apenas os prisioneiros, mas também os guardas da prisão, ajudando a monitorar e vigiar seus semelhantes e a si próprios.

Este ensaio busca considerar a discussão foucaultiana sobre disciplina e poder, especialmente no que diz respeito à acumulação de homens e de capital, em sua seção sobre a formação da sociedade disciplinar e dos processos econômicos, tal como ela pode ser aplicada às páginas de *O Senhor dos Anéis*. Mais especificamente, uma vez que a natureza do poder no capítulo "O Expurgo do Condado" parece difusa e autoperpetuadora, é possível ver como o Panóptico funciona em nível comunitário, aprisionando os hobbits e confrontando-os com uma paisagem industrializada e devastada, marcada, como observa Shippey (2001, p. 171, tradução nossa)[80], pelos "vícios da modernidade [...] uma espécie de engenhosidade inquieta, habilidade sem propósito" e pela "demolição pela demolição, em nome da mudança".

Em primeiro lugar, este ensaio se concentrará na leitura de *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien, como um romance preocupado com formas panópticas de poder. Isso se evidencia de modo mais claro em dois dos capítulos finais de *O Retorno do Rei*: "De Volta para Casa" e "O Expurgo do Condado". Mais precisamente, as formas de poder panóptico ali presentes revelam estruturas disciplinares e controladoras inseparáveis dos modos de produção e da "utilidade" que acompanham a ascensão desenfreada da industrialização capitalista no Condado. Além disso, ao propor essa leitura da obra de Tolkien pelas lentes do "Panoptismo" de Foucault, o objetivo deste ensaio é repensar o modo pelo qual estruturas panópticas de poder, hegemônicas e ilimitadas, são superadas — literalmente evaporadas —, a começar pela destruição de Saruman.

Enquanto Foucault encerra seu capítulo sobre o Panoptismo sem oferecer esperança de fuga da estrutura de nossas próprias prisões e dos "mecanismos de disciplina" aos quais estamos vinculados, Tolkien aponta para uma saída. Sua resposta

[79] N.T.: Citação original: "power is more economically exercised by imposing surveillance rather than the costly exemplary punishments".
[80] N.T.: Citação original: "vices of modernity…a kind of restless ingenuity, skill without purpose' and 'bulldozing for the sake of change".

não vem apenas do restabelecimento do legítimo rei de Gondor. Embora o papel do rei benevolente e zelador seja central para a concepção tolkieniana de governo monárquico, o retorno do rei não salva o Condado de si mesmo no curto prazo[81].

Em vez disso, a resposta de Tolkien ao problema do Panóptico vem, antes de tudo, de dentro da própria comunidade. Embora a estrutura panóptica vincule aqueles que se encontram em seu interior, ela também os isola, na medida em que esses mesmos indivíduos passam a temer tanto seus vizinhos quanto uma autoridade ameaçadora, frequentemente associada à possibilidade de violência.

No entanto, ao restabelecer laços comunitários estreitos e preencher as fissuras produzidas pelos efeitos isoladores do Panoptismo, os hobbits se desligam dos sistemas de poder e dissolvem o "olhar sem rosto", que quase havia transformado o Condado em um modelo insular e autoritário de disciplina e vigilância. Tolkien enfatiza a cura, o cuidado e a conexão comunitária íntima como formas de sair da prisão panóptica.

Como já foi observado, o Panóptico de *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien, encontra sua melhor representação nas imagens de torres que engendram um poder disseminado e formas de autovigilância (FOUCAULT, 1987, p. 227). Pode-se aplicar essa "máquina de ver" ao Condado no final de *O Retorno do Rei*, quando ele se torna, como observam os quatro hobbits que retornam, profundamente "descondadizado" (RK[82], VI, viii)[83]. Embora Frodo explique a um dos "rufiões" que agora ocupam o Condado que a "Torre Escura caiu, e há um rei em Gondor", sua fala é recebida com risos e insolência (RK, VI, viii). Ao retornarem, Frodo, Sam, Merry e Pippin encontram hobbits que "pareciam pouco à vontade", como se "alguma regra estivesse sendo quebrada" (RK, VI, viii, tradução nossa)[84]. Apesar dos apelos indignados e da evidente consternação dos heróis que regressam, os hobbits residentes relutam em admiti-los de volta na Vila dos Hobbits, agora cercada por um "grande portão com pontas": "Um silêncio caiu sobre os hobbits do outro lado do portão. 'Não adianta falar desse jeito', disse um deles. 'Ele vai ficar

[81] Jonathan Witt e Jay W. Richards assinalam, no capítulo intitulado "The Free Peoples and the Master of Middle-Earth", que a importância da autossoberania é sustentada pela decisão de Aragorn de nunca entrar no Condado depois de coroado rei, em respeito à sua liberdade e ao seu autogoverno. O Rei "tem um papel crucial a desempenhar nessa imagem de liberdade ordenada, mas Tolkien também enfatiza o papel indispensável do cidadão" (Richards e Witt, The Hobbit Party, p. 175).

[82] N.T.: O livro *O Retorno do Rei* (*The Return of the King*) será doravante abreviado como RK, tal como feito por Curen.

[83] N.T.: O termo em inglês utilizado por Van Curen foi "un-Shirelike"

[84] N.T.: Citação original: "seemed ill at easy"; "some rule or other was being broken".

sabendo. E, se vocês fizerem tanto barulho, vão acordar o grandalhão do Chefe'" (RK, VI, viii, tradução nossa)[85]. Os hobbits se deparam com "atenções móveis sempre em alerta" (FOUCAULT, 1987, p. 237)[86], e os residentes do Condado parecem, em grande medida, governar a si mesmos por medo de uma força disciplinar espectral. Títulos como "o Chefe", "o Patrão" e "Charcote" são tudo o que se sabe sobre os esquivos corpos autoritários que agora exercem poder sobre os habitantes do Condado. Quando Merry pergunta quem é Charcote, outro hobbit residente explica que "foi por volta da última colheita, talvez no fim de setembro, que ouvimos falar dele pela primeira vez. Nunca o vimos, mas ele está lá em Bolsão; e agora ele é o verdadeiro Chefe, eu acho" (RK, VI, viii, tradução nossa)[87].

É importante notar, desde o início, que os hobbits que retornam se recusam a reconhecer esses novos títulos e, em vez disso, dirigem-se a seus vizinhos por seus nomes próprios, como "Lotho" e "Bill Samambaia", sugerindo sua resistência a essas novas formas de anonimato institucionalizado, envoltas em formas panópticas de poder. Se o restante do Condado caiu sob o domínio do Panóptico, Merry, Pippin, Sam e Frodo foram poupados dessa queda e permanecem vinculados a uma esfera distinta, sem dúvida porque já haviam enfrentado esse tipo de poder panóptico diante da dominação de Sauron, uma ameaça muito pior do que qualquer coisa que pudessem esperar encontrar no Condado. Eles conhecem esse jogo e, ao menos inicialmente, parecem incapazes de levá-lo inteiramente a sério. Os hobbits que retornam ameaçam, zombam e chegam mesmo a escalar o novo portão pontiagudo, desafiando seus guardiões. Depois das primeiras interações, Sam exclama:

> Tudo bem, tudo bem... Já chega. Não quero ouvir mais nada. Sem boas-vindas, sem cerveja, sem fumo, e em vez disso um monte de regras e conversa de orc. Eu esperava descansar, mas vejo que há trabalho e problemas pela frente (RK, VI, viii, tradução nossa)[88].

[85] N.T.: Citação original: "A hush fell on the hobbits beyond the gate. 'It won't do no good talking that way,' said one. 'He'll get to hear of it. And if you make so much noise, you'll awake the Chief's big man'".
[86] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citações feitas por Van Curen em inglês: "mobile attentions ever on the alert" (FOUCAULT, 1995, p. 214).
[87] N.T.: Citação original: "it was about last harvest, end o' September maybe, that we first heard of him. We've never seen him, but he's up at Bag End; and he's the real Chief now, I guess".
[88] N.T.: Citação original: "All right, all right…That's quite enough. I don't want to hear no more. No welcome, no beer, no smoke, and a lot of rules an orc-talk instead. I hoped to have a rest, but I can see there's work and trouble ahead".

Seu aborrecimento inicial, no entanto, dá lugar a uma compreensão mais profunda dos problemas que haviam tomado conta do Condado. Suas expectativas em relação às marcas características da "hobbitdade"[89]— comida, bebida, erva-de-fumo e uma cama aquecida — já não são atendidas. A dissonância abrupta entre as expectativas dos hobbits que retornam e a realidade que encontram demonstra a existência de duas esferas agora em conflito. Enquanto o restante do Condado caiu sob vigilância, dominação e repressão, indícios da presença do Panóptico, os quatro hobbits que retornam permanecem à parte e encarnam as qualidades da comunidade que pretendem restaurar no Condado. Contudo, antes de passar a um exame mais detido do processo de renovação comunitária, vale dedicar mais tempo a desvendar os modos pelos quais a estrutura panóptica se apoderou do Condado.

Deve-se considerar, antes de tudo, o sistema de policiamento e monitoramento na Vila dos Hobbits. Como fica claro no início do capítulo, por meio de Hob Hayward e Bill Samambaia, o esquivo "Charcote" faz pouco para exercer controle direto, uma vez que os hobbits, em grande parte, passaram a monitorar a si mesmos (RK, VI, viii). Além disso, a figura de Charcote localiza-se em Bolsão, no alto da Colina, na Vila dos Hobbits, de onde se domina visualmente grande parte da comunidade; no entanto, ele nunca é efetivamente visto. Mesmo com a destruição do grande olhar de Sauron, a autoridade penetrante e disseminada exercida pelo "olhar sem rosto" ainda se faz claramente presente no Condado. Como observa Jay Atkins (2017, p. 25, tradução nossa)[90] em seu estudo sobre distributismo e economia no Condado, "Charcote, o novo governante do Condado, transmite ordens aos 'rufiões', que, por sua vez, dão ordens aos moradores comuns". Os próprios supervisores, evidentemente, tampouco estão isentos do olhar. À medida que a força panóptica cresce no Condado, o impulso de observação é absorvido pelo indivíduo e, sob o olhar fiscalizador, "cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizá-lo, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo", garantindo que o poder seja "exercido continuamente" (FOUCAULT, 1984, p. 105)[91]. É por meio desse processo de vigilância difusa que somos lembrados do

[89] N.T.: O termo original utilizado em inglês é: "hobbitry".

[90] N.T.: Citação original: "Sharkey, the new ruler of the Shire, administers orders to the 'ruffian' who, in turn, give orders to commoners".

[91] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. "O Olho do Poder". In: _____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Ed. Graal, 4 ed., 1984. Citações feitas por Van Curen em inglês: "each individual under its weight will end by interiorising to the point that he is his own overseer,

sentido desconectado, vagamente autoritário e ameaçador de uma "hierarquia militarizada" que "desconecta Charcote da cultura local, algo que Tolkien considera perigoso" (ATKINS, 2017, p. 25, tradução nossa)[92]. A desconexão provocada por um opressor invisível, somada a sistemas hierárquicos de poder que conduzem à "vigilância hierárquica" (FOUCAULT, 1995, p. 220), é a realidade enfrentada por quem entra em um Condado profundamente estranho, marcado pelo medo, pela opressão e, como se verá, por imagens de industrialismo grotesco.

O que talvez seja ainda mais importante notar ao entrar na Vila dos Hobbits é o modo pelo qual o Condado se alinha a uma versão da história foucaultiana que situa muitas das raízes do modelo panóptico de poder nas necessidades básicas do capitalismo: sujeição, força de trabalho e tecnologia.

É também o modelo do Condado ao final de *O Retorno do Rei* que oferece uma imagem mais clara do ceticismo de Tolkien em relação a qualquer sistema capaz de conduzir à dominação da vontade ou à desumanização por meio da difusão de um poder disciplinador e subjugador. Foucault fornece uma visão geral do modo como esse modelo de autoridade se transforma historicamente com a ascensão do capitalismo:

> Se a decolagem econômica do Ocidente começou com os processos que permitiram a acumulação do capital, pode-se dizer, talvez, que os métodos para gerir a acumulação dos homens permitiram uma decolagem política em relação a formas de poder tradicionais, rituais, dispendiosas, violentas (...) Na verdade os dois processos, acumulação de homens e acumulação de capital, não podem ser separados; não teria sido possível resolver o problema da acumulação de homens sem o crescimento de um aparelho de produção capaz ao mesmo tempo de mantê-los e de utilizá-los (...) Cada uma das duas tornou possível a outra, e necessária; cada uma das duas serviu de modelo para a outra (FOUCAULT, 1987, pp. 243-244)[93].

each individual thus exercising this surveillance over, and against, himself"; "exercised continuously". (FOUCAULT, 1980, p. 4).

[92] N.T.: Citação original: "disconnects Sharkey from the local culture, which Tolkien finds dangerous".

[93] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citações feitas por Van Curen em inglês: "If the economic take-off of the West began with the techniques that made possible the accumulation of capital, it might perhaps be said that the methods for administering the accumulation of men Panopticism made possible a political take-off in relation to the traditional, ritual, costly, violent forms of power, …. In fact, the two processes – the accumulation of men and the accumulation of capital – cannot be separated; it would not have been possible to solve the problem of the accumulation of men without the growth of an apparatus of production capable of both sustaining them and using them...Each makes the other possible and necessary; each provides a model for the other" (FOUCAULT, 1995, pp. 220-221).

O capitalismo, como fica claro na passagem anterior, não surge em consequência da necessidade de um sistema de monitoramento. No entanto, ele prospera em uma estrutura panóptica e se torna uma das duas pontas do sistema. Cada um desses sistemas, capitalismo e Panoptismo, ajuda a sustentar o outro; ambos são codependentes, pois um fornece uma estrutura para o outro. A questão da disciplina torna-se o principal problema de uma sociedade com população crescente durante a ascensão do capitalismo. A estrutura panóptica, por sua vez, é uma nova máquina capaz de pôr em uso produtivo aqueles que integram esse novo sistema. Na leitura de Foucault, cada mão alimenta a outra. Os métodos disciplinares, "militares", da estrutura panóptica fornecem a base para que o capitalismo prospere, enquanto a acumulação de capital em sistemas capitalistas em expansão, que valorizam a eficiência, "a separação, a coordenação e o controle", fornece às sociedades um modo de lidar com populações crescentes (FOUCAULT, 1987, p. 244)[94]. Como sugerido anteriormente, é significativo que, nessa passagem, assim como no restante da leitura foucaultiana do sistema panóptico, não pareça haver uma saída aparente depois que a estrutura industrial-capitalista panóptica se instala.

É importante notar que Foucault não chega a afirmar que o capitalismo seja, em si mesmo, o problema. Ele, no entanto, conclui que "o crescimento de uma economia capitalista fez apelo à modalidade específica do poder disciplinar", o que desloca a crítica para um sistema que incorpora muitas das características necessárias à sustentação do modelo panóptico (FOUCAULT, 1987, p. 244)[95]. Por mais que o capitalismo seja apresentado como uma questão sistêmica importante na equação de Foucault, é sua capacidade de "dividir o trabalho" e seguir o plano traçado pelas estruturas de poder nos "esquemas de poder" que se mostra verdadeiramente problemática — e é aqui que Tolkien e Foucault parecem concordar de modo mais claro. Para evitar mal-entendidos, não se trata de dizer que Tolkien pareça ver o capitalismo como um mal, nem que ele necessariamente o visse como um poder corruptor inerente e singular. Na verdade, o Condado idealizado por Tolkien possui um sistema econômico difícil de definir. Como

[94] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citações feitas por Van Curen em inglês: separation, coordination and supervision" (FOUCAULT, 1995, p. 221).

[95] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citações feitas por Van Curen em inglês: "'[t]he growth of a capitalist economy gave rise to the specific modality of disciplinary power" (FOUCAULT, 1995, p. 221).

apontam estudiosos como Steven Kelly[96], o Condado é, sem dúvida, um anacronismo: combina o conto de fadas medieval com a industrialização do século XIX em um sistema quase capitalista e pré-industrial, que produz apenas o necessário em uma ordem agrária e, ainda assim, de algum modo ostenta a capacidade de produzir mercadorias como coletes, relógios e tabaco. No entanto, como Foucault, Tolkien parece temer aquilo que o capitalismo industrial, explorador e amplamente disseminado, é capaz de fazer. O que o torna perigoso é a maneira como o capitalismo alimenta, e é alimentado por, estruturas de poder disciplinar e hegemônico próprias da configuração panóptica da sociedade. Enquanto a estrutura de vigilância e disciplina prospera, também prospera o sistema que acumula capital. O sistema do capitalismo industrial pode precipitar a ascensão do poder panóptico e, quando isso acontece, os dois passam a depender um do outro para se sustentar. Sem dúvida, os temores bem documentados[97] de Tolkien em relação à industrialização destrutiva e à supervisão governamental devem ser levados em conta nesta leitura.

Ao final de *O Retorno do Rei*, o leitor é confrontado com inúmeras cenas de destruição aberta na paisagem agrária e idílica do Condado, que condensam os tipos de poder destrutivo associados a essa nova forma de autoridade e controle panóptico. A destruição e a reapropriação do Condado por meios industrial-capitalistas, no entanto, parecem ser resultado direto das estruturas difusas de poder que tomaram posse da terra. A industrialização não é a causa primeira da queda do Condado nem da infelicidade de seu povo. Em vez disso, o texto sugere que isso se deve tanto ao isolamento e à alienação produzidos pela estrutura panóptica quanto, de maneira ainda mais poderosa, à disposição de alguns dos próprios habitantes do Condado de investir nesse novo sistema. Antes de entrar no Condado, os hobbits que retornam ouvem do geralmente loquaz e jovial Cevado Carrapicho, agora abatido, que o povo do Condado "fica em casa a maior parte do tempo e mantém suas portas trancadas"; ele também os adverte de que "não é seguro na estrada, ninguém vai longe e as pessoas se trancam cedo. Temos que manter vigias ao redor de

[96] Ver a discussão de Kelly sobre as anomalias econômicas em *O Senhor dos Anéis* e o fetichismo da mercadoria sob a forma da erva-de-fumo em "Breaking the Dragon's Gaze: Commodity Fetishism in Tolkien's Middle-earth".

[97] Ver as cartas 52, "From a letter to Christopher Tolkien 29 November 1943", e 131, "To Milton Waldman", sobre os temores de Tolkien em relação à industrialização, à destruição e ao excesso de intervenção governamental.

toda a cerca e colocar muitos homens nos portões à noite" (*RK*, VI, vii, tradução nossa)[98]. Mais tarde, outro hobbit residente relata o sistema rigoroso e explorador que alterou a colheita habitual:

> Cultivamos muitos alimentos, mas não sabemos bem o que acontece com eles. São todos esses "coletores" e "repartidores", eu acho, andando por aí, contando, medindo e levando tudo para os depósitos. Eles coletam mais do que repartem, e nunca mais vemos a maior parte das coisas (*RK*, VI, viii, tradução nossa)[99].

Essas sequências iniciais oferecem algumas das visões mais complexas, no romance, do poder difuso, hierárquico e explorador em Tolkien. A "contagem e medição" sistemática, seguida pelo controle e pela manipulação exercidos por uma força vaga e descentralizada, torna-se evidente. Assim, com Foucault, o leitor entra na "cidade pestilenta, atravessada inteira pela hierarquia, pela vigilância, pelo olhar, pela documentação, a cidade imobilizada no funcionamento de um poder extensivo que age de maneira diversa sobre todos os corpos individuais" (FOUCAULT, 1987, p. 222)[100].

Além disso, como se vê no modelo de Foucault, as formas mais poderosas da estrutura panóptica estão incorporadas em certas construções industrial-capitalistas, adotadas pelos habitantes mais oportunistas do Condado. Pústula, por exemplo, é um sinal inicial da ascensão dessa forma exploradora de capitalismo no Condado:

> Ele tinha ideias engraçadas, tinha Pústula. Parece que queria possuir tudo sozinho e depois dar ordens aos outros (...) Estava sempre se apoderando de mais coisas, embora fosse um mistério de onde vinha o dinheiro (...) Pelo que parece, ele já havia comprado o moinho de Ruivão antes de vir para Bolsão (RK, VI, viii, tradução nossa)[101].

[98] Citações originais: "'stay at home mostly and keep their doors barred"; "isn't safe on the road and nobody goes far and folk lock up early. We have to keep watchers all round the fence and put a lot of men on the gates at nights".

[99] Citação original: "We grows a lot of food, but we don't rightly know what becomes of it. It's all these 'gatherers' and 'sharers', I reckon, going round counting and measuring and taking off to storage. They do more gathering than sharing, and we never see most of the stuff again".

[100] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citações feitas por Van Curen em inglês: "plague-stricken town, traversed throughout with hierarchy, surveillance, observation, writing; the town immobilized by the functioning of an extensive power that bears in a distinct way over all individual bodies" (FOUCAULT, 1995, p. 198).

[101] N.T.: Citação original: "He'd funny ideas, had Pimple. Seems he wanted to own everything himself, and then order other folk about...he was always grabbing more, though where he got the money was a mystery...He'd already bought Sandyman's mill before he came to Bag End, seemingly".

As “ideias engraçadas” de Pústula estão enraizadas em formas iniciais, ainda que simplificadas, de capitalismo industrial. Ele deseja possuir mais e, ao fazê-lo, dominar mais. Mais tarde, revela-se que Pústula, que assume o controle do moinho[102], “trouxe muitos Homens de aparência suja para construir um [moinho] maior e enchê-lo de rodas e geringonças esquisitas (...) A ideia de Pústula era moer mais e mais rápido, ou assim ele dizia” (RK, VI, viii, tradução nossa)[103]. O trabalho de Pústula no moinho está enraizado na dominação e na exploração de “Homens de aparência suja” e, como observa Algodão ao final da passagem, “não acredito que aquele tolo do Pústula esteja por trás de tudo isso. É Charcote, eu digo” (RK, VI, viii, tradução nossa)[104]. O capitalismo surge em seus estágios iniciais sob a forma de uma industrialização exploradora e aparece em conjunto com a força panóptica, que se incrusta na cultura, simbolizada aqui pela referência ao poder vago e autoritário de “Charcote”.

Esses exemplos do romance formam um padrão importante. À medida que a destruição da comunidade e da intimidade se torna cada vez mais evidente, o sentimento de isolamento, disciplina e controle se instala com a ascensão do capitalismo industrial. Uma passagem que condensa plenamente esse processo ocorre durante a jornada de Frodo, Sam, Merry e Pippin em direção a Bolsão:

> A grande chaminé ergueu-se diante deles; e, à medida que se aproximavam da velha aldeia do outro lado da Água, passando por fileiras de novas casas mesquinhas ao longo dos dois lados da estrada, viram o novo moinho em toda a sua feiura carrancuda e suja: um grande prédio de tijolos atravessado sobre o riacho, que ele contaminava com uma descarga fumegante e fedorenta. Ao longo de toda a Estrada de Beirágua, todas as árvores haviam sido derrubadas. Quando cruzaram a ponte e olharam para o alto da Colina, ficaram sem fôlego (...) A Velha Granja, no lado oeste, havia sido derrubada, e seu lugar fora tomado por fileiras de galpões alcatroados (...) A Rua do Bolsinho era agora uma enorme pedreira aberta de areia e cascalho. Bolsão, mais acima, não podia ser visto por causa de um amontoado de grandes cabanas (RK, VI, viii, tradução nossa)[105].

[102] Há um simbolismo de longa data associado ao “moinho” como lugar de corrupção econômica e moral na Idade Média. Isso é notoriamente encarnado na personagem do moleiro, em *Os Contos da Cantuária*, de Chaucer.

[103] N.T.: Citação original: “brought in a lot o’ dirty-looking Men to build a bigger [mill] and fill it full o’ wheels and outlandish contraptions...Pimple’s idea was to grind more and faster, or so he said”.

[104] N.T.: Citação original: “I don’t believe that fool of a Pimple’s behind all this. It’s Sharkey, I say”.

[105] N.T.: Citação original: “The great chimney rose up before them; and as they drew near the old village across the Water, through rows of new mean houses along each side of the road, they saw the new mill in all its frowning and dirty ugliness: a great brick building straddling the stream, which it fouled with a steaming and stinking outflow. All along the Bywater Road every tree had been felled. As they crossed the

A passagem anterior resume a transição do sonolento sistema agrário, familiar e comunitário, frequentemente associado à "vida idílica desobstruída dos excessos do capitalismo moderno das grandes cidades" (RICHARDS; WITT, 2014, p. 198, tradução nossa)[106], para o industrial, ordenado e visível. Onde antes árvores e casas pontilhavam a paisagem, há agora "fileiras de novas casas mesquinhas" e "galpões alcatroados". A "mesquinhez" e a esterilidade das novas estruturas criam uma ordem imponente que os hobbits consideram feia e ameaçadora. As árvores são derrubadas, produzindo uma sensação ainda maior de exposição. Há agora uma "pedreira aberta de areia e cascalho", que cria uma impressão de vasta abertura, vazio e visibilidade, em contraste com a paisagem antes acolhedora e exuberante. Há agrupamentos de "grandes cabanas" que obscurecem qualquer visão direta de Bolsão, no alto da Colina, agora ocupado pelo esquivo Charcote. Toda a passagem é marcada pela "grande chaminé", fisicamente imponente, que paira sobre tudo.

A imagem da comunidade fragmentada pelas mãos do Panóptico torna-se ainda mais manifesta na destruição da Árvore da Festa e na interação entre Sam e Ted Ruivão, que elogia as mudanças no Condado. "Eles a cortaram (...) Eles cortaram a Árvore da Festa!", observa Sam ao se aproximar da árvore "podada e morta" no campo (RK, VI, viii, tradução nossa)[107]. A Árvore da Festa havia sido, por muito tempo, um símbolo de comunidade e união; com sua destruição, o poder invasor desfere seu golpe final e mais prejudicial, fazendo com que Sam "caia em prantos" ao testemunhar a ruína. Ruivão, um hobbit que possui um moinho e reconhece as mudanças que se aproximam do Condado como vantajosas de uma perspectiva capitalista empreendedora, aproxima-se do perturbado Sam. Ele é um "hobbit carrancudo", de "rosto encardido" e "mãos negras", o que sugere imediatamente sua associação com a industrialização destrutiva que ali se enraizou. Sua aparência e o diálogo que se segue produzem uma separação e uma aversão distintas entre os hobbits que observam, franzindo o cenho: "Você não gosta disso, Sam?", ele zombou. "Mas você sempre foi mole. Pensei que tivesse partido em um daqueles navios de que costumava tagarelar, navegando, navegando. Por que quis voltar?

bridge and looked up the hill they gasped ...The Old Grange on the west side had been knocked down, and in its place taken by rows of tarred sheds ... Bagshot row was a yawning sand and gravel quarry. Bag End up beyond could not be seen for a clutter of large huts."

[106] N.T.: Citação original: "idyllic life uncluttered by the excesses of modern big city capitalism".

[107] N.T.: Citação original: "They've cut it down...They've cut down the Party Tree!"; "lopped and dead".

Temos trabalho a fazer no Condado agora" (RK, VI, viii, tradução nossa)[108]. A linguagem de Ruivão é imediatamente divisiva, pois busca criar uma separação entre ele e Sam. Há "trabalho a fazer no Condado agora", declara Ruivão, aludindo aos processos de industrialização que se tornaram a nova norma. O "trabalho" de Ruivão exige a destruição da vida para criar estruturas estéreis, ordenadas e isoladas; sua linguagem oposicional reforça os efeitos de isolamento que acompanham o poder panóptico invasor. Até mesmo seu nome, "Ruivão", evoca a "pedreira aberta de areia e cascalho"[109], simbolizando esterilidade e ausência de crescimento.

A maior questão neste ponto de *O Retorno do Rei*, no entanto, diz respeito às complexidades hegemônicas da estrutura panóptica, enraizadas na aparente impossibilidade de fuga. O Panóptico é uma estrutura tão firmemente entretecida na sociedade que a libertação parece fútil, pois a própria noção de fuga exige uma distinção entre os residentes da comunidade e as estruturas que os contêm e governam. No Panóptico, essas estruturas são onipresentes; funcionam automaticamente e quase invisivelmente. Trata-se de uma "gaiola cruel e engenhosa", e "seu funcionamento (...) pode ser bem representado como um puro sistema arquitetural e óptico: é na realidade uma figura de tecnologia política que se pode e se deve destacar de qualquer uso específico" (FOUCAULT, 1987, pp. 228-229)[110].

O poder do Panóptico reside em sua capacidade de operar como força motriz, isto é, como um modo de negociar e definir o poder entre pessoas e instituições de maneira tão integrada que leva o indivíduo a acreditar que essa é a única via, o único modo possível de funcionamento social. Foucault aponta para as próprias estruturas das instituições sociais modernas para demonstrar seu argumento: "A 'observação' prolonga naturalmente uma justiça invadida pelos métodos disciplinares e pelos processos de exame (...) Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?"

[108] N.T.: Citação original: "But you always was soft. I thought you'd gone off in one o' them ships you used to prattle about, sailing, sailing. What d'you want to come back for? We've work to do in the Shire now".

[109] N.T.: O nome original do personagem em inglês (Sandyman) é uma união das palavras "Sand" (areia) e "Man" (homem); Areioso.

[110] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citação feita por Van Curen em inglês: "its functioning... must be represented as a pure architectural and optical system: it is in fact a figure of political technology that may and must be detached from any specific use" (FOUCAULT, 1995, p. 205).

(FOUCAULT, 1987, pp. 250-251)[111]. Nossas "fábricas, escolas, quartéis, hospitais" se assemelham a prisões porque o Panoptismo é nosso processo de governo. O Panoptismo orienta o modo como organizamos a sociedade ao nosso redor e, em última instância, constitui o fundamento de nossa maneira de pensar. Ruivão parece ser o primeiro a sucumbir a essa estrutura ideológica, como alguém que já se encontra imerso na mentalidade industrial-capitalista.

Felizmente para os hobbits que retornam, nem toda esperança está perdida. Se há um antídoto para o mal do Panoptismo, Tolkien o situa na estrutura do cuidado comunitário e da cura. Jane Chance (1992, p. 22, tradução nossa) sugere que "a manutenção da sociedade é melhor promovida pelo cuidador e pelo jardineiro, aqueles que nutrem os outros e dão continuidade ao trabalho da família ou da nação"[112]. Por extensão, a comunidade de cuidadores é uma comunidade na qual esses agentes de cura, "em seu papel de compreender e tolerar as diferenças individuais no interior da comunidade (...) capacitam tanto o indivíduo quanto a sociedade, ou, juntos, a rede social" (CHANCE, 1992, p. 22, tradução nossa)[113]. Pode-se também considerar, a esse respeito, o campo da "ética do cuidado"[114] como representante de um espaço distintamente oposto às forças panópticas e industrial-capitalistas que procuram dividir os espaços comunitários. A discussão de Nel Noddings (1988, p. 219, tradução nossa) sobre a ética do cuidado postula que as éticas relacionais estão "enraizadas no cuidado natural e dele dependem", pois "ele ou ela recorre a um senso de obrigação a fim de estimular o cuidado natural"[115]. Virginia Held também discute a noção de cuidado comunitário quando uma comunidade se confronta com seu sistema de valores. Após o retorno dos quatro hobbits ao Condado, eles são rapidamente tomados pela sensação de que um novo sistema de

[111] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citação feita por por Van Curen em inglês: "The practice of placing individuals under 'observation' is a natural extension of a justice imbued with disciplinary methods and examination procedures…is it surprising that prisons resemble factories, schools, barracks, hospitals, which all resemble prisons?" (FOUCAULT, 1995, pp. 227-228).

[112] N.T.: Citação original: "the maintenance of society is best advanced by the caretaker and the gardener, those who nurture others and continue the work of the family or nation".

[113] N.T.: Citação original: "in their role of understanding and tolerating individual differences within the community...empower both the individual and society, or, together, the social network".

[114] A discussão completa de Noddings sobre a ética relacional, que constitui uma estrutura essencial para compreender os princípios das relações humanas em um amplo espectro de experiências interpessoais, encontra-se em seu artigo "An Ethic of Caring and Its Implications for Instructional Arrangements".

[115] N.T.: Citações originais: "rooted in and dependent on natural caring"; "he or she calls on a sense of obligation in order to stimulate natural caring".

valores foi imposto ao Condado, marcado pela industrialização e por aquilo que Patrick Curry (2004, p. 41, tradução nossa) caracteriza como "violência fascista e modernização forçada"[116], processo que destruiu em larga medida seus espaços pastorais e comunitários idílicos. Os nomes são substituídos por títulos vagos e sinistros, e a própria paisagem começa a se tornar uma terra devastada, diretamente associada aos residentes da Vila dos Hobbits, que se tornaram mais insulares e distantes. O sentido íntimo de cuidado proveniente do espaço comunitário desapareceu:

> Podemos compreender como uma comunidade cuidadora sustenta e valida os esforços de pessoas cuidadoras, e como se torna muito mais difícil para as pessoas cultivarem relações de cuidado quando as mensagens da "comunidade" promovem, em vez disso, os valores do egoísmo, da competição e da vitória do mais apto (HELD, 2007, p. 43, tradução nossa)[117].

Evidentemente, quando o Condado cai nas formas corrosivas do capitalismo industrial e da estrutura panóptica, as relações comunitárias e pessoais íntimas sofrem; por conseguinte, até mesmo a paisagem natural, emblemática do senso de comunidade dos hobbits — mais bem condensado na Árvore da Festa —, também sofre, em uma espécie de falácia patética.

Essa leitura certamente se confirma no que diz respeito à crise enfrentada pelos hobbits que retornam no capítulo "O Expurgo do Condado", quando buscam restaurar a comunidade e curar um Condado dilacerado pela implementação de modelos panópticos de poder. É importante notar que os hobbits que retornam se referem constantemente à ordenação e à industrialização invasivas do Condado como "desordem", o que sugere que as mentes de Frodo, Sam, Merry e Pippin ainda não sucumbiram aos modelos panópticos de pensamento que já haviam enredado outros hobbits, como Pústula e Ruivão. Bolsão cheira a "sujeira e desordem" quando eles chegam e confrontam Saruman, e grandes carroças permanecem em "desordem num campo batido e sem grama" (RK, VI, viii, tradução nossa)[118]. Os hobbits não veem essa ordenação e essa industrialização como formas de melhorar o Condado, de outro modo sonolento e rural. Eles percebem o poder

[116] N.T.: Citação original: "fascist thuggery and forced modernization".
[117] N.T.: Citação original: "We can understand how a caring community will sustain and validate the efforts of caring persons, and how much more difficult it is for persons to cultivate caring relations when the messages from the 'community' promote, instead, the values of egoism, competition, and the victory of the fittest".
[118] N.T.: Citação original: "disorder in a field beaten bare of grass".

totalizante inerente à paisagem recém-organizada e desenvolvida. “Acordem nosso povo! Eles odeiam tudo isso, vocês podem ver”, exclama Merry, reunindo seus companheiros hobbits após o retorno (RK, VI, viii, tradução nossa)[119]. Sua percepção do que a sociedade deveria ser funda-se em relações comunitárias íntimas, que são, evidentemente, contrárias aos modelos panópticos e industriais em expansão que se apoderaram do Condado.

É importante observar, neste ponto, que o Condado e as relações comunitárias que nele existem não são perfeitos, nem parecem ter sido concebidos para sê-lo. Os hobbits vivem em comunidades que são representações idílicas, em Tolkien, de um espaço antigo e idealizado da Inglaterra; no entanto, as fofocas, os rancores e os pequenos furtos do Condado não são sinais de algum mal inerente e insidioso no interior da estrutura retratada ao final do romance. Esses exemplos parecem, antes, evidenciar as pequenas marcas da natureza humana. Lobélia Sacola-Bolseiro, Sancho Pé-Soberbo e até mesmo Ted Ruivão não são maus. São, antes, falíveis como todos os hobbits e, por extensão, como todos os Homens. Sem dúvida, isso é algo que Tolkien, como católico e como alguém que se identificava como um “hobbit (em tudo, exceto no tamanho)” (TOLKIEN, 2006, carta 213), teria admitido. O verdadeiro mal, para Tolkien, não está nas fofocas, nos pequenos delitos ou em outros atos menores de ganância e egoísmo humanos, mas na dominação da vontade. Isso também parece incluir o assassinato, pois Frodo afirma que “nenhum hobbit jamais matou outro de propósito no Condado” (RK, VI, viii, tradução nossa)[120]. Como observam Richards e Witt, Tolkien afirma em uma de suas cartas:

> A tarefa mais imprópria para qualquer homem, mesmo para os santos — que, de todo modo, ao menos não estavam dispostos a assumi-la — , é mandar em outros homens. Nem um em um milhão é apto para isso, e menos ainda aqueles que buscam a oportunidade (TOLKIEN, 2006, carta 64, tradução nossa)[121].

Eles acrescentam que, “com o Condado, Tolkien criou uma sociedade segundo seu próprio coração”, com o bom e o mau (RICHARDS; WITT, 2014, p. 271, tradução nossa)[122].

[119] N.T.: Citação original: “Wake our people! They hate all this, you can see”.
[120] N.T.: Citação original: “[n]o hobbit has ever killed another on purpose in the Shire”.
[121] N.T: Citação original: “The most improper job of any man, even saints (who at any rate were at least unwilling to take it on), is bossing other men. Not one in a million is fit for it, and least of all those who seek the opportunity”.
[122] N.T.: Citação original: “[w]ith the Shire, Tolkien had created a society after his own heart”.

Ao final de *O Retorno do Rei*, os hobbits que retornam incitam uma rebelião entre os demais membros da comunidade e derrubam Saruman, que é traído — literalmente esfaqueado pelas costas — por seu lacaio Gríma Língua de Cobra, enfatizando ainda mais a noção de que "o mal matará o ímpio" (Salmo 34:21) e de que o mal sempre contém as sementes de sua própria destruição. Ao mesmo tempo, são apresentadas várias ocorrências importantes em torno das ações de Frodo como cuidador e agente de cura. "Evidentemente, já é hora de a família lidar com ele e colocá-lo em seu lugar", exclama Frodo na entrada da Vila dos Hobbits, ao ouvir falar do esquivo "Chefe" que passara a ocupar Bolsão (RK, VI, viii, tradução nossa)[123]. Embora, neste ponto do capítulo, Frodo ainda não tenha compreendido inteiramente a gravidade da crise enfrentada pelo povo do Condado, essa proclamação inicial enquadra os acontecimentos que se seguirão. A "família" e, por extensão, a comunidade são cruciais para a leitura proposta por este ensaio, pois se tornarão vitais para a destruição da fortaleza panóptica[124]. Frodo demonstra continuamente seu desejo de paz e cura no Condado após sua chegada, e precisa lembrar Sam, Merry e Pippin de sua ligação inerente com uma comunidade de hobbits agora alterada e insular.

Ele o faz estabelecendo uma oposição binária na qual o comunitário e o familiar se distinguem do panóptico. "Lembrem-se", explica Frodo, "de que não deve haver matança de hobbits, nem mesmo se eles passaram para o outro lado. Quero dizer, se realmente passaram (...) ninguém deve ser morto, de modo algum, se for possível evitá-lo" (RK, VI, viii, tradução nossa)[125]. Os hobbits, como mencionado anteriormente, não têm dificuldade em reconhecer que o restante da comunidade se tornou uma espécie de ordenação "desordenada", na qual uma esterilização agressiva substituiu um modo de vida mais íntimo. O "outro lado", como Frodo o descreve, não é simplesmente uma forma

[123] N.T.: Citação original: "[I]t is evidently high time that the family dealt with him and put him in his place".

[124] A Vila dos Hobbits e muitas das outras comunidades hobbits são, em grande medida, intimamente conectadas por laços familiares próximos. Como é sabido, no caso dos Tûks e dos Bolseiros, por exemplo, Bilbo apresenta traços marcadamente associados aos Tûks em certos momentos de O Hobbit, apesar de ser um Bolseiro pelo lado paterno. Traços familiares tornam-se indicadores da natureza íntima e familiar da comunidade, na qual nomes, árvores genealógicas e celebrações comunitárias se entrelaçam com festividades familiares. A Sociedade do Anel, naturalmente, abre-se com uma grande celebração comunitária do aniversário de Bilbo. Para mais sobre as relações familiares e comunitárias dos hobbits, ver a carta 214, "To A. C. Nunn", em As Cartas de J. R. R. Tolkien.

[125] N.T.: Citação original: "Remember"; "[t]here is to be no slaying of hobbits, not even if they have gone over to the other side. Really gone over, I mean...nobody is to be killed at all, if it can be helped".

de mal ou um "lado sombrio", mas antes um lado no qual o medo de retaliação, vigilância e punição governa as ações. É o medo de um "Chefe" sem rosto e sem nome que leva à recusa inicial dos hobbits em admitir os heróis que retornam à Vila dos Hobbits. Frodo está constantemente atento a esse problema e reconhece que a resposta para derrotar a estrutura invasora não pode vir apenas sob a forma de uma derrubada violenta, mas também por meio da reconciliação e da cura comunitárias.

A estrutura panóptica culmina na destruição física da paisagem, na construção de instalações industriais e na presença dos homens de Charcote; mas, antes de qualquer coisa, o Panóptico é um sistema, uma forma governante de vigilância e ordenação que é interiorizada, uma forma de "maquinaria de que ninguém é titular" (FOUCAULT, 1984, p. 221)[126]. A "Batalha de Beirágua", a expulsão dos homens de Charcote e mesmo a morte de Saruman são meios de tratar os sintomas que se alastraram por todo o Condado, mas a revolução violenta por parte dos hobbits não poderia, em última instância, salvar o Condado do Panóptico. Como observa Shippey (2001, p. 168, tradução nossa)[127], "'O Expurgo do Condado' lembra que as perdas e os danos das guerras não terminam com desfiles de vitória, mas se prolongam na monotonia e na pobreza". A derrubada do regime de Charcote é o primeiro passo crítico e brutal depois de toda a violência necessária que os povos livres da Terra-média devem empreender para se libertar da ameaça de déspotas e tiranos autoritários. No entanto, após a derrubada, a verdadeira cura deve começar. Como primeiro e principal agente de cura, Frodo "não havia desembainhado sua espada, e sua principal função fora conter os hobbits em sua ira" (RK, VI, viii, tradução nossa)[128]. Ele reconhece que a cura do Condado deve utilizar uma força semelhante à do panóptico. A cura comunitária deve se dispersar para fora, por meio das ações — ou, neste caso, da inação — de Frodo e de seu povo, a fim de conter a natureza disseminada da disciplina e da vigilância panópticas. O poder panóptico infiltra-se lentamente na Vila dos Hobbits; portanto, sua dissipação também deve ocorrer lentamente e cuidadosamente.

[126] N.T.: Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. "O Olho do Poder". In: _____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Ed. Graal, 4 ed., 1984. Citação feita por Van Curen em inglês: "machinery that no one owns" (FOUCAULT, 1980, p. 5).

[127] N.T.: Citação tal como indicada por Curen: "The Scouring of the Shire" gives a reminder that the loss and damage of wars do not end with victory parades, but drag on in drabness and poverty".

[128] N.T.: Citação original: "had not drawn his sword, and his chief part had been to prevent the hobbits in their wrath".

Na conversa final com Saruman, Frodo explica: "Já fiz tanto, que vocês acharão difícil de consertar ou desfazer em suas vidas" (RK, VI, viii, tradução nossa)[129]. Saruman reconhece a dificuldade de remover a estrutura que ajudou a desencadear o que aconteceu no Condado. Trata-se de um poder generalizante e institucionalizador, um sistema de disciplina e vigilância que não pode ser removido apenas por meio de uma derrubada violenta. Como nos lembra Foucault, "o que generaliza então o poder de punir (...) é a extensão regular, é a trama infinitamente cerrada dos processos panópticos" (FOUCAULT, 1987, p. 247)[130]. Saruman ri ao confrontar Frodo e os demais hobbits porque sabe que sua expulsão física não será suficiente para desfazer sua obra. "Pouco importa, consequentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados" (FOUCAULT, 1987, p. 202)[131]. Frodo chega a reconhecer esse ponto, ao mesmo tempo que mantém a paz, quando adverte seus companheiros hobbits a não acreditarem em Saruman, pois "ele perdeu todo o poder, salvo sua voz, que ainda pode intimidá-los e enganá-los, se vocês permitirem" (RK, VI, viii, tradução nossa)[132]. Não é necessário que haja qualquer poder efetivo contido no próprio ser de Saruman, já que a ilusão de autoridade pode ser suficiente para sustentar e perpetuar o sistema panóptico de poder.

O fato de Saruman ser posto de lado nos momentos finais do capítulo e, em seguida, traído e assassinado por Gríma Língua de Cobra, captura dois elementos finais importantes. O primeiro é o início da evaporação da estrutura panóptica, à medida que a comunidade retorna ao Condado com a morte de Saruman. Seu espírito, nada mais que fiapos de fumaça branca depois de seu assassinato, ergue-se e olha para o oeste, em direção a Arda, esperando retornar à sua própria comunidade; no entanto, sua entrada lhe

[129] N.T.: Citação original: "I have already done much that you will find it hard to mend or undo in your lives".
[130] N.T.: Tradução utilizada: **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citação feita por por Van Curen em inglês: "[w]hat generalizes the power to punish...is the regular extension, the infinitely minute web of panoptic techniques" (FOUCAULT, 1995, p. 224).
[131] Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Citação feita por por Van Curen em inglês: "does not matter who exercises power. Any individual, taken almost at random, can operate the machine: in the absence of the director, his family, his friends, his visitors, even his servants" (FOUCAULT, 1995, p. 202).
[132] N.T.: Citação original: "[h]e has lost all power, save his voice that can still daunt you and deceive you, if you let it".

é negada e, por isso, ele se dissolve no nada. “Uma névoa cinzenta se reuniu” ao redor do corpo de Saruman e subiu “lentamente até uma grande altura, como fumaça de uma fogueira (...) Por um momento, ela oscilou, olhando para o Oeste; mas do Oeste veio um vento frio, que a inclinou, e com um suspiro ela se dissolveu em nada” (RK, VI, viii, tradução nossa)[133]. Nesse momento, o domínio de Saruman sobre o Condado revela-se mais artifício do que realidade. Sua autoridade está ligada à impressão de vigilância e disciplina, que é, na verdade, uma cortina de fumaça literal. O domínio panóptico, depois da reunião da comunidade, é agora, como o espírito de Saruman, tão rarefeito quanto o ar. Tendo-lhe sido negado o retorno à sua própria comunidade, ele se dissipa no nada.

O segundo elemento revelado nessa cena é que Frodo assume plenamente o papel de cuidador em sua comunidade, que deve continuar a se reconstruir após a dissolução do poder panóptico. Frodo não deseja que Saruman seja morto nesse momento; em vez disso, espera que ele ainda possa encontrar redenção. Além disso, Frodo diz a Gríma que ele “não precisa seguir [Saruman]” e lhe oferece comida, descanso e comunidade até que esteja disposto a seguir seu próprio caminho (RK, VI, viii, tradução nossa)[134]. Nessa cena, Frodo atualiza o papel de cuidador em sua comunidade e procura curar e unir, a fim de desfazer o trabalho realizado pelo panóptico. Ao contrário da força panóptica, que enfraquece e isola, o cuidador é o agente de cura da comunidade e “capacita tanto o indivíduo quanto a sociedade” (CHANCE, 1992, p. 22, tradução nossa)[135]. A estrutura comunitária é o único páreo para as forças panópticas, pois é também, em sua essência, uma estrutura dispersa e descentralizada; contudo, enquanto o Panóptico domina, isola e ordena, a comunidade busca oferecer liberdade, cuidado e intimidade que não se baseiam no desejo de dominar ou controlar. A solução, além disso, está longe de ser rápida. Apesar da expulsão dos homens de Saruman e do retorno do rei ao trono, ainda há muita cura a ser realizada no interior do corpo comunitário. Como Sam nos lembra ao final do capítulo: “Não vou chamar isso de fim até que tenhamos limpado a bagunça (...) E isso vai levar muito tempo e trabalho” (RK, VI, viii, tradução nossa)[136]. A dissolução total da força

[133] N.T.: Citações originais: “a grey mist gathered”; “slowly to a great height like smoke from a fire (...) For a moment it wavered, looking to the West; but out of the West came a cold wind, and it bent way, and with a sigh dissolved into nothing”.
[134] N.T.: Citação original: “need not follow [Saruman]”.
[135] N.T.: Citação original: “empower[s] both the individual and society”.
[136] N.T.: Citação original: “I shan’t call it the end, till we’ve cleared up the mess (…) And that’ll take a lot of time and work”.

panóptica exigirá esforços árduos e deliberados da comunidade trabalhando em conjunto; a cura leva tempo.

É importante lembrar, também, que Frodo não é um soberano, e sua capacidade de unir e reformar a comunidade é um poder que vem de dentro da própria comunidade. Apesar de suas explicações anteriores de que "a Torre Escura caiu e há um rei em Gondor", o legítimo rei de Gondor nada pode fazer, apenas pela promessa de sua presença, para interromper as forças panópticas em ação no Condado. A capacidade de desestabilizar a estrutura panóptica não pode vir de um símbolo hierárquico e totalizado de poder régio e autoritário, uma vez que não é assim que o poder panóptico funciona. Como somos lembrados por Foucault em "O Olho do Poder", "ninguém pode ou deve ser aquilo que o rei era no antigo sistema, isto é, fonte de poder e justiça" (FOUCAULT, 1984, p. 222)[137]. Ele continua afirmando que "já não se pode confiar em ninguém se o poder é organizado como uma máquina funcionando de acordo com engrenagens complexas" (FOUCAULT, 1984, p. 222)[138]. Embora pareça estranho considerar o "retorno do rei" menos significativo para o restabelecimento da ordem legítima no Condado, não se deve esquecer que Tolkien coloca ênfase especial no poder da autossoberania e da comunidade. O retorno do legítimo rei de Gondor é certamente um passo decisivo para o estabelecimento da paz e do equilíbrio na Terra-média; contudo, não se deve esquecer como termina *O Retorno do Rei*.

A cura que começa com Frodo e com os demais hobbits que retornam culmina na figura que melhor encarna o cuidado: o herói jardineiro. Como observa Chance, Sam Gamgi, o "homem comum", serve como nota final para o lento retorno da comunidade e da cura no Condado, anos depois da queda de Sauron, do início do reinado de Aragorn e da partida de Frodo. O jardineiro "retornou ao seu castelo — ao amor, à segurança, ao alimento, à sua família". Sam está "em casa novamente, como Tolkien, o órfão, sempre entendeu o verdadeiro poder da comunidade mais amorosa" (CHANCE, 1992, p. 108,

[137] Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. "O Olho do Poder". In: _____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Ed. Graal, 4 ed., 1984. Citação feita por por Van Curen em inglês: "no one can or may occupy the role that the King had in the old system, that is as the source of power and justice" (FOUCAULT, 1980, p. 5).

[138] Tradução utilizada: FOUCAULT, Michel. "O Olho do Poder". In: _____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Ed. Graal, 4 ed., 1984. Citação feita por por Van Curen em inglês: "power is arranged as a machine working by a complex system of cogs and gears…no reliance can be placed on a single individual" (FOUCAULT, 1980, p. 5).

tradução nossa)[139]. Ao encerrar uma narrativa de escala tão épica quanto a de *O Senhor dos Anéis* com um vislumbre humilde, mas pungente, de Sam sentado à mesa de jantar, Rosie saudando seu retorno e sua filha Elanor em seu colo, Sam marca o verdadeiro retorno da comunidade e da família. Sam é nossa melhor encarnação da comunidade em sentido amplo, finalmente renovada e em paz consigo mesma após a dispersão do complexo industrial panóptico, talvez dando novo significado às suas palavras finais: "Bem, estou de volta".

IMAGENS DO TEXTO ORIGINAL:



[139] N.T.: Citação original: "home again, as Tolkien the orphan always understood the true power of the most loving Community".

REFERÊNCIAS:

ATKINS, Jay. On Tolkien's Presentation of Distributism through the Shire. **Mallorn**, 2017, p. 23–28.

BATTIS, J. Gazing Upon Sauron: Hobbits, Elves, And The Queering Of The Postcolonial Optic. **MFS Modern Fiction Studies**, v. 50, 2004, p. 908–26.
CHANCE, Jane. **Lord of the Rings: The Mythology of Power**. Twayne Publishers, 1992.

CURRY, Patrick. **Defending Middle-Earth: Tolkien, Myth and Modernity**. Boston: Houghton Mifflin, 2004.

FOUCAULT, Michel. "The Eye of Power: A Conversation with Jean-Pierre Barou and Michelle Perrot". _____.; GORDON, Colin (Org.). **Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings 1972-1977**. The Harvester Press, 1980, p. 1–6.

_____. "Panopticism". In: _____. **Discipline and Punish: The Birth of the Prison**. New York: Vintage, 1995, p. 195–228.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. "O Olho do Poder". In: **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HELD, Virginia. "Care and Moral Theory: Care as Practice and Value". In: ____. **The Ethics of Care: Personal, Political, and Global**. Oxford University Press, 2007, p. 29–43.

KELLY, Steven. Breaking the Dragon's Gaze: Commodity Fetishism in Tolkien's Middle- Earth. **Mythlore: A Journal of J.R.R. Tolkien, C.S. Lewis, Charles Williams, and Mythopoeic Literature**, v. 34, 2016, p. 113–30.

NODDINGS, Nel. An Ethic of Caring and Its Implications for Instructional Arrangements. **American Journal of Education**, v. 96, 1988, p. 215–30.

OHM, Ji-Won. **Totalitarianism and its Defeat in J.R.R. Tolkien's The Lord of the Rings**. MA in English Literature Thesis presented at the Ewha Womans University, 2014, p. 1–89.

SHIPPEY, Tom. **J.R.R. Tolkien: Author of the Century**. HarperCollins Publishers, 2001.

TOLKIEN, J. R. R. **The Lord of the Rings: The Return of the King**. Houghton Mifflin Co., 1999.

_____. **The Letters of J.R.R.** Tolkien: A Selection, ed. by Humphrey Carpenter and Christopher Tolkien. London: HarperCollins Publishers, 2006.

WITT, Jonathan; JAY W, Richards. **The Hobbit Party: The Vision of Freedom That Tolkien Got, and the West Forgot**. San Francisco: Ignatius Press, 2014.